

VIRGÍLIO LEITOR DE VARRÃO: A APROPRIAÇÃO CRÍTICA DO LEGADO VARRONIANO NAS *GEÓRGICAS**

Matheus Trevizam

(Faculdade de Letras / UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RÉSUMÉ

Nous voudrions, dans cet article, comparer deux passages des *Géorgiques* de Virgile – l'épisode de la furie sexuelle des cavales de Glaucus, au livre III, et la digression du Vieux corycien, au livre IV – avec ses corrélats thématiques dans le *De re rustica* de Varron réatin. De cette façon-là, on compte dépasser la simple constatation de la présence des 'sources' par l'explication du dialogue critique de Virgile avec celles-là, lorsqu'il se les approprie d'une manière renouvelée dans son poème didactique.

Mots-clés: *Géorgiques*; *De re rustica*; recherche des sources; appropriation critique.

A - INTRODUÇÃO E ENRAIZAMENTO METODOLÓGICO

Há muito a crítica especializada tem ressaltado, na tessitura do “poema da terra identificado” com as *Geórgicas* de Virgílio, a participação do legado de Varrão reatino, autor do *De re rustica*, que com ele precede em poucos anos a publicação, em Roma antiga, da segunda obra do poeta.¹ Remetemos aqui, por força, à problemática das “fontes” utilizadas por Virgílio para

* Nosso trabalho maior de pesquisa sobre Varrão, em sua fase inicial – 2008-2010 –, contou com o apoio da PRPq, da Universidade Federal de Minas Gerais, através do “Programa de auxílio para a pesquisa dos doutores recém-contratados”. Agradecemos, ainda, ao prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção – FALE-UFMG – pelas solícitas sugestões de melhora a detalhes linguísticos deste artigo, bem como ao prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos – IEL-UNICAMP – por anteriores comentários a aspectos dos trechos varronianos que aqui traduzimos.

¹ Cf. Wilkinson, L. P. *The “Georgics” of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997, p. 50: *What the agricultural state of Italy was in the late Republic can be gathered from the technical dialogue “De re rustica” published in 37/6 by the octogenarian*

nutrir-se artística e tecnicamente diante da complexa tarefa de compor, à maneira alexandrina, um poema didático em nexos com a vida e tantas práticas camponesas.

De um modo afinado com os desdobramentos de semelhantes investigações, sobretudo, nas décadas finais do século XX (que culminariam, por exemplo, na sistemática abordagem intertextual), notamos não se terem os estudiosos aos quais nos remetemos referencialmente limitado a apontar “influências”,² mas, antes, preocupado com discutir as *maneiras* de apropriação da “herança” no âmbito do alheio. Apenas a título de uma ligeira passagem do olhar por alguns desses juízos, Armando Salvatore, num estudo apresentado em 1975, rebate seguro a opinião de alguns desejosos de minorar a importância do reatino no poema de nosso interesse e, pondo-se em perspectiva contrária, considera-lhe a irrefutável presença sob a marca renovada de uma “valorização” nas mãos de Virgílio:

O leitor das *Geórgicas* descobre, quase a cada verso, a poeticidade e, ao mesmo tempo, a dificuldade que se oculta nos adjetivos utilizados pelo poeta. Aqui, divisamos de maneira específica a grande diferença quanto a Varrão. Não é só uma forma de ornar a matéria (especialmente quando ela é dura, pesada, refratária aos apelos da arte), mas também e, sobretudo, um meio para exprimir uma atitude característica, uma característica visão no confronto com as coisas, mesmo as mais simples e humildes, um dobrar-se para ouvir amorosamente a voz que se eleva delas. É uma afinadíssima sensibilidade que se traduz em língua, ou melhor, com frequência, em som.³

O mesmo crítico, em trabalho apenas um pouco mais tardio (1977), no qual sempre se pronuncia comparativamente, em específico, sobre o tratamento da apicultura nos dois autores, prossegue nessa linha interpretativa, destacando pontos como incorporar-se, nas *Geórgicas*, a dicção lucreciana a certos preceitos oriundos de Varrão com fins de “epicizar”, com acréscimo da dignidade da matéria, os rudes ensinamentos agrários do predecessor.⁴ Note-se que, neste caso, o comentário do crítico, embora não de todo desenvolvido para esta direção, tangencia a rica problemática da passagem dos temas de

Varro, who besides being an encyclopaedic writer was a practical man of affairs. As *Geórgicas*, acrescentamos, provavelmente vieram a público em 29 a.C.

² Cf. de Vasconcellos, P. S. *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001, p. 25: *Até o século passado, o estudo das relações intertextuais na poesia latina quase sempre se limitava à identificação minuciosa das “fontes”. O filólogo geralmente se mostrava satisfeito depois de ter conseguido identificar determinado passo a que um poeta aludia ou citava em seu poema.*

³ Cf. Salvatore, A. “Georgiche” di Virgilio e “De re rustica” di Varrone. In: *Atti del convegno virgiliano sul bimillenario delle “Georgiche” – Napoli: 17-19 dicembre 1975*. Napoli: Istituto Universitario Orientale, 1977, p. 79 (minha tradução).

⁴ Cf. Salvatore, A. *Le api in Virgilio e in Varrone. Vichiana*. Napoli, fasc. I-II, p. 43-44, 1977.

um gênero a outro. Com efeito, correspondendo o molde compositivo das *Geórgicas* não só a um construto poético, mas, ainda, a um gênero – o da poesia didática antiga – que muitos pretendem aparentado ou assimilável ao épico,⁵ ressaltar-lhe, no confronto com o dialogismo “chão” do *De re rustica*, o tom “heroico” de certas passagens, inclusive obtido pela retomada estilística de um “ancestral” tão ilustre quanto Lucrécio, significa remeter *todas essas obras* ao plano especulativo atinente às distintas diretrizes-mestras de sua feitura.

Alberto Grilli, por sua vez, em estudo intitulado “Agricultura e poesia nas ‘Geórgicas’” (1982), serviu-se de uma frase do *De re rustica* varroniano⁶ para dizer que, embora “paralela”, na sonoridade expressiva arcaizante, a certos versos aliterados de Virgílio, não se pode comparar com o maior refinamento em geral assumido pela arte do poeta:

Decerto há no canto virgiliano um entusiasmo pela terra que o calculista Varrão não conhece sequer à distância. Virgílio canta a terra porque a ama, porque a vê; Varrão se ocupa dela porque se apresenta como *res rustica*, o “patrimônio do campo”. A diferença é bem a diferença entre o olho do poeta e o olho do cultivador. Virgílio não nos dá dados técnicos, mas imagens, vinhetas, inserções que encontram, todas, seus precedentes, mais do que em Nicandro, em Calímaco e em Apolônio de Rodes.⁷

Por fim, não devemos preterir, neste brevíssimo itinerário, o peso das ideias de R. F. Thomas (primeira edição, 1988), clássico comentador de Cambridge às *Geórgicas*, para quem, mesmo, seria “justo dizer que elas teriam parecido *muito distintas* caso Varrão não tivesse publicado seu tratado um pouco antes de Virgílio começar a trabalhar em seu poema”.⁸ Com o prosseguimento dos comentários de Thomas a detidos versos das *Geórgicas*, por outro lado, patenteia-se a preocupação do erudito com apresentar as muitas ocasiões de retomada de material varroniano no poema sob a ótica da adaptabilidade e, mesmo, de uma decisiva renovação.⁹

Isso posto, passaremos, a seguir, a adotar posicionamento semelhante no

⁵ Defendem semelhante posição, por exemplo, Toohey (*Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996) e Mayer (*The epic of Lucretius*. In: Cairns, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. Liverpool: Francis Cairns, 1990. Vol. VI, p. 35-43).

⁶ Cf. Grilli, A. Agricultura e poesia nelle “Georgiche”. *Atene e Roma*. Roma, fasc. I-II, p. 15, 1983: *Haec enim loca adposita sunt ad faenum, alia ad frumentum, alia ad vinum, alia ad oleum: sic ad pabula quae pertinent*. – “Esta região é apropriada para o feno, outra para o trigo, outra para o vinho, outra para o azeite: e assim as atinentes às pastagens” (I 23, 1 – minha tradução, grifo meu).

⁷ Cf. Grilli, *op. cit.*, p. 15 (minha tradução).

⁸ Cf. Virgil. *Georgics. Volume I: books I-II*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988, p. 11.

⁹ Cf. Virgil. *Georgics. Volume II: books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988, p. 92: *V.’s scenario is the exact reverse of this (mare deprived, rather than*

cotejo de dois episódios das *Geórgicas* com suas prováveis matrizes varronianas, em tentativa de favorecer a apreensão dos trechos em pauta segundo *funcionalmente* inseridos em um ou outro autor. Com isso, pretendemos dizer, longe de apenas apontarmos eventuais “parentescos” entre Virgílio e Varrão,¹⁰ intentamos ter em conta nas leituras que a assimilação dos “mesmos” conteúdos anedóticos em um ou outro caso implica, da parte de Virgílio, redirecionar, em diálogo crítico com a “fonte”, os próprios pressupostos envolvidos em seus significados.

B - A FÚRIA DAS ÉGUAS DE GLAUCO, O EXCURSO DO VELHO CORÍCIO E A OPERAÇÃO VIRGILIANA DE RESSIGNIFICAR MATERIAIS VARRONIANOS

O primeiro episódio virgiliano a que aludimos se refere a um mito tratado no livro III das *Geórgicas*, parte da obra, como se sabe, marcada pela concentração temática no domínio rústico da pecuária. Ainda, como se tem amiúde demonstrado por visões críticas variadas e, mesmo, a própria leitura corrida deste livro permitiria notar, adentramos, aqui, zonas perigosamente delimitadas por duas forças complementares, mais do que apenas antagônicas:¹¹ referimo-nos ao instinto sexual, dito pela letra do texto *Amor*, e à morte, segundo personificada pela imaginária Peste¹² nas antigas paragens do *Noricum*.

Como nos demais livros, Virgílio adota, aqui, o procedimento de alternar a veiculação de preceitos diretamente atinentes às técnicas agrárias que inculca e a inserção de “painéis” mítico-narrativos a contribuir para a *uariatio* expositiva.¹³ Nesse caso, as técnicas correspondem aos cuidados necessários no trato com os rebanhos miúdos – de ovelhas e cabras – ou de grande porte – de equinos e bois –, enquanto os “painéis” míticos, por bem de assegurar-se a mínima coerência interna do texto, sempre se vinculam, de um modo ou de outro, ao fundo pecuário comum.

Ora, os animais domésticos, fundamentalmente, além de se alimentarem

stallion compelled), but the fate of the groom is the same (...).

¹⁰. Algo, por sinal, várias vezes já realizado pelos comentadores ou outros estudiosos das *Geórgicas*.

¹¹. Cf. Wilkinson, *op. cit.*, p. 96 e 99-100.

¹². Cf. Pigeaud, J. Quelques remarques sur l'épidémie du Norique dans les “Géorgiques” de Virgile (III, 478ss.). In: Virgile. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998, p. 172: *L'épidémie du Norique est une fabrication virgilienne, sur un ou des modèles hippocratiques*.

¹³. Cf. Toohy, *op. cit.*, p. 112.

e deverem repousar, reproduzem-se e, caso negligenciados pelos donos, podem adoecer. Daí que, conforme à tendência do poeta de atribuir tons mais “pessimistas” aos livros ímpares do poema,¹⁴ tenha-se encontrado nas características animais do sexo e da mortalidade uma via de entrada para o esboço de um quadro, por vezes, afim ao de um pesadelo.

No tocante, especificamente, à exploração de lados mais sombrios do sexo neste livro III das *Geórgicas*, em princípio observamos que as referências a tópicos afins abundam no contexto. A título de exemplificação, já em III 51-59, o *magister* didático oferece os traços anatômicos esperados de uma vaca tida por bela reprodutora. Em III 212-239, por outro lado, inicia-se avisando do caráter nocivo da contínua visão das fêmeas por bois ou cavalos em idade viril, pois, envolvidos com seus “encantos” (*illecebris*, v. 217), deixam muitas vezes de comer e, até, partem violentos para enfrentamentos competitivos uns contra os outros; depois, já focado na espécie bovina, Virgílio esboça o início e o dramático desfecho de um triângulo a envolver uma novilha das matas itálicas de Sila e dois touros desejosos de cobri-la, com o resultado da momentânea derrota de um dos oponentes e de seu retorno para vingar-se de morte do rival. Em III 242-265, reforça-se o caráter absolutamente arrebatador do desejo sexual para seres tão distintos quanto as leoas, os ursos, os javalis, os cavalos, os porcos sabélicos e, enfim (v. 258ss), um jovem a morrer no mar a caminho de um encontro amoroso, o qual logo identificamos como Leandro enamorado de Hero, certa sacerdotisa de Afrodite no Helesponto.

Contudo, uma passagem “erótica” mais adiantada da escrita desse livro se identifica, propriamente, com nosso foco inicial de análise:

*Scilicet ante omnis furor est insignis equarum
et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci
Potmiades malis membra absumpsere quadrigae.
Illas ducit amor trans Gargara transque sonantem
Ascanium; superant montis et flumina tranant.* 270

Naturalmente, mais do que todos é notável o furor das éguas/ e a própria Vênus inspirou o sentimento, quando a quadriga de Póthias/ dilacerou com as mandíbulas os membros de Glauco./ O desejo as leva além dos Gárgaros e do Ascânio/ ressoante; vencem montes e atravessam rios a nado.¹⁵

Tametsi incredibile, quod usu uenit, memoriae mandandum. Equus matrem salire cum adduci non posset, cum eum capite obuoluto auriga adduxisset et coegisset matrem inire, cum descendentem dempsisset ab oculis, ille impetum fecit in eum ac mordicus interfecit.

“Embora seja espantoso, há que se recordar algo que de fato sucedeu. Não podendo

¹⁴ Cf. Wilkinson, *op. cit.*, p. 74-75.

¹⁵ Cf. *Geórgicas* III 266-270 (minha tradução).

um cavalo ser levado a cobrir a matriz, tendo-o conduzido o cocheiro com a cabeça coberta e obrigado a cobri-la, aquele o atacou e matou com mordidas depois que desceu e seus olhos foram desimpedidos”.¹⁶

Devemos a notícia deste provável paralelo entre Varrão e Virgílio ao comentário de Thomas aos versos correspondentes das *Geórgicas*: naquele contexto, o crítico anglófono menciona que Glauco fora, na mitologia grega, o filho de Sísifo, vitimado pela morte descrita na passagem acima por dois possíveis motivos.¹⁷ O primeiro deles se identifica com ter alimentado suas éguas de corrida com carne humana, em prática sacrílega do ponto de vista do vetado civilizadamente a todos; o segundo, mais a calhar para os propósitos de Virgílio numa parte de seu poema, como dissemos, em que o sexo se irmana da morte para resultar, às vezes, em perigosa força de desequilíbrio de uma cultura rústica a custo estabelecida pelos esforços do *agricola*, vincula-se ao gesto, conforme o vemos nas *Geórgicas*, de privar essas fêmeas do contato reprodutivo com os machos a fim de tê-las mais enérgicas nas corridas.

Obviamente, dada a explícita citação do nome de Vênus em v. 267, tal iniciativa resultara ofensiva à deusa e, mesmo, sacrílega num outro aspecto: da negação, ao Nume envolvido, do respeito cabível. Não pode deixar-nos de vir à memória, então, a lenda análoga de Hipólito, castíssimo devoto de Ártemis em detrimento de Afrodite e, tragicamente, obstinado servidor apenas daquela. Como sabemos, os ciúmes de Afrodite lesada nesta ocasião fizeram-na insuflar em Fedra, a madrasta do rapaz, violenta paixão por ele, de que se desenrolaram os catastróficos eventos descritos por Eurípidés e Sêneca¹⁸ na peça grega e na latina.

Além de prestar-se, na tessitura das *Geórgicas*, a mais um exemplo possível de algumas temíveis consequências do instinto sexual, no caso, dos equinos, a lenda de Glauco parece dialogar com o trecho correlato de *De re rustica* II – parte da obra do reatino, coincidentemente, também de todo centrada na abordagem da pecuária – de importantes maneiras. Assim, segundo expresso acima por um juízo de Grilli,¹⁹ esse diálogo de Varrão assumia funções *mais práticas* do que o poema didático aqui analisado, limitando-se, acrescentamos, a veicular tópicos atinentes à reprodução animal com meros fins de descrever-

¹⁶. Cf. *De re rustica* II 7, 9 (minha tradução).

¹⁷. Cf. Virgil. *Georgics. Volume II: books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988, p. 92.

¹⁸. Cf., em Sêneca (*Phaedra*, v. 203-210), fala da ama a uma Fedra já enamorada de Hipólito, a respeito do caráter “negligenciável” do sentimento erótico: *Foi a luxúria obscena, cúmplice do vício, / que fez do amor um deus: querendo ser mais livre, / prestigiou a loucura com uma falsa potência. / Mandaria Ericina seu filho vagar / no universo e ele lançaria dos céus, leve, / lascivas flechas? Um deus menor é o mais forte? / Estas mentiras, mente em delírio as forjou: / a divindade de Vênus e o arco do deus* (tradução de Joaquim Brasil Fontes Jr.).

¹⁹. Cf. *supra* nota 7.

lhes a forma *útil* de conduzir, no tocante aos ganhos financeiros. Portanto, o sexo, nas páginas do *De re rustica*, não se revestia, em princípio, dos tons alarmantes amiúde encontrados nas *Geórgicas*, conservando-se, antes, no plano corriqueiro da normalidade da vida em *fundi rustici* onde eram frutíferas as relações entre os animais (ou, com fins específicos, entre os escravos humanos)²⁰ para manter plantéis ou comercializá-los.

Por outro lado, em que pese à função retoricamente idêntica das passagens no diálogo e nas *Geórgicas*, a saber, de variar, como vimos, a estratégia discursiva e implementar, desse modo, proveitosa pausa nos austeros “cursos de agropecuária” oferecidos, poder-se-ia apontar como que uma estruturação “em negativo” no cotejo de Virgílio com Varrão.²¹ Note-se, a respeito disso, como, de início, o sexo dos animais envolvidos se acha invertido nos dois autores, pois, em Varrão, em vez de “éguas”, temos um “cavalo” a devorar não o dono, mas um “cocheiro” (*auriga*). Ainda, não se pode deixar de ver, enquanto no poeta o motivo da fúria instintiva das éguas se vincula à indevida privação da cobertura (assumindo, mesmo, conotações de um castigo divino diante do desmerecimento “erótico” em pauta), em Varrão, o cavalo encontra na violência uma provável válvula de escape para ter sido *coagido* ao ato viril... sem ter desejo.

Ora, como o reconhecimento do ímpeto sexual inalcançável das éguas coubera, já, ao Aristóteles da *História dos animais* (572a8-30)²² e a ênfase do livro III das *Geórgicas* é dada, bem o vimos, ao transbordar (não à contenção) desse instinto, poder-se-ia, por conseguinte, ler tal passagem virgiliana à maneira de uma segura “correção”, no sentido de que, inclusive recorrendo à autoridade “científica” do filósofo grego, passa-se a enfatizar, na versão poética, não só um aspecto mais “documentado”²³ do hábito dos equinos,

²⁰ Cf. *De re rustica* II 10, 6-7: *Quod ad feturam humanam pertinet pastorum, qui in fundo perpetuo manent, facile est, quod habent conseruam in uilla, nec hac uenus pastoralis longius quid quaerit. Qui autem in saltibus et siluestribus locis pascunt et non uilla, sed casis repentinis imbres uitant, iis mulieres adiuungere, quae sequantur greges ac cibaria pastoribus expediant eosque assiduiiores faciant, utile arbitrati multi. Sed eas mulieres esse oportet firmas, non turpes, quae in opere multis regionibus non cedunt uiris, ut in Illyrico passim uidere licet, quod uel pascere pecus uel ad focum afferre ligna ac cibum coquere uel ad casas instrumentum seruare possunt.* – “No que diz respeito às relações dos pastores, é fácil para os que sempre permanecem na propriedade, pois têm companheiras na sede e a sexualidade pastoril nada requer de mais distante. Quanto aos que apascentam nas pastagens e lugares arborizados e se abrigam da chuva em casebres improvisados, não na sede, muitos julgaram bom uni-los a mulheres que sigam os rebanhos, preparem refeições para os pastores e os tornem mais empenhados. Mas convém que essas mulheres sejam fortes, não fracas. Em muitas regiões, não ficam atrás dos homens no trabalho, como se pode ver aqui e ali na Ilíria, pois apascentam os rebanhos, trazem lenha para a fogueira, preparam as refeições e podem tomar conta dos equipamentos nos casebres” (minha tradução).

²¹ Cf. *supra* nota 9.

²² Cf. Virgil. *Georgics. Volume II: books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988, p. 91.

mas, é notório, de fato condizente com o teor deste livro.

O ponto seguinte de Varrão e Virgílio que tomamos para prosseguir analisando o diálogo entre um e outro autor é o da feitura de um horto nos diferentes contextos. Assim, em Varrão, lê-se:

Merula, De fructu, inquit, hoc dico, quod fortasse an tibi satis sit, Axi, in quo auctorem habeo non solum Seium, qui aluaria sua locata habet quotannis quinibus milibus pondo mellis, sed etiam hunc Varronem nostrum, quem audiui dicentem duo milites se habuisse in Hispania fratres Veianos ex agro Falisco locupletis, quibus cum a patre relicta esset parua uilla et agellus non sane maior iugero uno, hos circum uillam totam aluaria fecisse et hortum habuisse ac relicum thymo et cytiso opseuisse et apiastro, quod alii meliphyllon, alii melissophyllon, quidam melittaenam appellant. Hos numquam minus, ut peraeque ducerent, dena milia sestertia ex melle recipere esse solitos, cum dicerent uelle exspectare, ut suo potius tempore mercatorem admitterent, quam celerius alieno.

Mérula disse: “Sobre os rendimentos, afirmo isto, ó Áxio, que talvez te baste. Tenho por conselheiro não apenas Seio, que a cada ano arrenda suas colmeias por cinco mil libras de mel, mas também o nosso Varrão, que ouvi dizer ter tido na Espanha dois soldados, irmãos chamados Veiânios, do território de Falérios e de posses. Tendo-lhes sido deixados pelo pai uma pequena casa de campo e uma terrinha sem dúvida não maior que uma jeira, fizeram colmeias em volta da casa de campo toda, tiveram um jardim e semearam o restante com tomilho, codesso e melissa, que uns chamam de *meliphyllon*, outros de *melissophyllon*, alguns de *melittaena*. Eles nunca costumaram obter do mel menos de dez mil sestércios, por uma estimativa aproximada, e diziam preferir aguardar o recebimento do comprador em seu próprio tempo a fazê-lo mais rápido no dos outros”.²⁴

Este trecho, obviamente vinculado ao assunto da apicultura, encaixa-se no terceiro e último livro do *De re rustica*, parte do texto destinada a cobrir muitas técnicas da *uillatica pastio*. Pelo termo latino, deve-se entender a criação de animais de porte pequeno (lebres, aves, arganazes, abelhas, peixes, *escargots*...) nas imediações da *uilla rustica*, o edifício-sede dos antigos *fundi* romanos. Segundo a economia agrária esboçada por Varrão, tais criações se destinam, bifurcando-se hierarquicamente,²⁵ a servir ao prazer – *delectatio* – dos donos das terras e de seus amigos (como, por exemplo, ocorreria com o

²³. Em Varrão (cf. *supra*), por sinal, o relato da anedota do cavalo que devorara o cocheiro é acompanhado, dada sua estranheza, do reconhecimento do inusitado do evento e ainda, por cautela, da categórica afirmação da suposta “verdade” dos fatos (“algo que de fato sucedeu”).

²⁴. Cf. *De re rustica* III XVI, 10-11 (minha tradução).

²⁵. Cf. sobre as relações entre os dois aspectos anunciados da economia agrária varroniana, Lehmann, A. “Vtilitas et delectatio”. Varron théoricien de l’esthétique classique. *Latomus. Revue d’Études Latines. Varron critique littéraire. Regard sur les poètes latins archaïques*. Bruxelles, vol. CCLXII, p. 272, 2002: “Além da preocupação de repensar o problema da agricultura através de conceitos teóricos, notamos em Varrão, por meio de Escrofa, uma óbvia afirmação da preponderância do útil em relação ao agradável. Esse ponto de vista é em parte corrigido pelo que se segue: *Nec non ea quae faciunt cultura honestiorem agrum, pleraque non solum*

antológico viveiro de aves varroniano, descrito em *De re rustica* III 5, 9-17) ou a fins práticos – *utilitas* –, a saber, de garantir aos primeiros lucros mais vultosos do que aqueles oriundos do cultivo das terras ou da pecuária tradicional.²⁶

No que se refere, particularmente, às abelhas, claro está que o alvo dos ganhos se desloca para o âmbito da *utilitas*, pois seus variados itens comerciais, como o mel, a cera e o própolis, poderiam ser muito rendosos para um apicultor de fato cuidadoso com as técnicas de manejo desses pequenos seres. Nesse sentido, o caso dos irmãos citados na passagem reveste-se dos significados de uma exemplificação prática do sucesso, compreendido como o enriquecimento material: de pobres e sem tantos recursos, dado o quinhão modesto da herança paterna, conseguiram reverter as circunstâncias adversas a seu favor, e então valendo-se, imaginamos, de perícia técnica – haja vista terem aproveitado o exíguo espaço disponível com dispor, “em volta da casa de campo *toda*”, seus ninhos de abelha – e dos esforços pessoais, receber ao ano a significativa soma financeira mencionada.

O que se lê em Virgílio analogamente, porém, não corresponde, em absoluto, ao mesmo e linear direcionamento de sentidos:

<i>Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis,</i>	125
<i>qua niger umectat flauentia culta Galaesus,</i>	
<i>Corycium uidisse senem, cui pauca relict</i>	
<i>iugera ruris erant, nec fertilis illa iuuentis</i>	
<i>nec pecori opportuna seges nec commoda Baccho.</i>	
<i>Hic rarum tamen in dumis olus albaque circum</i>	130
<i>lilia uerbenasque premens uescumque papauer:</i>	
<i>regum aequabat opes animis, seraque reuertens</i>	
<i>nocte domum dapibus mensas onerabat inemptis.</i>	
<i>Primus uere rosam atque autumnno carpere poma;</i>	
<i>et, cum tristis hiems etiamnum frigore saxa</i>	135
<i>rumperet et glacie cursus frenaret aquarum,</i>	
<i>ille comam mollis iam tondebat hyacinthi</i>	
<i>aestatem increpitans seram Zephyrosque morantis.</i>	
<i>Ergo apibus fetis idem atque examine multo</i>	
<i>primus abundare et spumantia cogere pressis</i>	140

fructiosiore eadem faciunt, ut cum in ordinem sunt consita arbusta atque oliueta, sed etiam uendibiliorem atque adiciunt ad fundi pretium. Assim, como proprietário rural prudente, Cn. Tremelius Scrofa logo cuida de relacionar a qualidade estética de uma terra bem cultivada a seu valor financeiro. Além disso, segundo esse especialista em agricultura, a boa organização de um plantio harmoniosamente disposto pode chegar até a aumentar-lhe o rendimento: *De forma cultura hoc dico, quae specie fiant uenustiora, sequi ut maiore quoque fructu sint, ut qui habent arbusta, si sata sunt in quincuncem, propter ordines atque interualla modica.* Notemos, porém, que o prazer obtido por uma agricultura corretamente entendida é secundário quanto à utilidade que ela apresenta” (minha tradução).

²⁶ Cf. Della Corte, F. *Varrone. Il terzo gran lume romano*. Genova: Istituto Universitario di Magistero, 1954, p. 93-94.

*mella fauis; illi tiliae atque uberrima pinus;
 quotque in flore nouo pomis se fertilis arbor
 induerat, totidem autumnu matura tenebat.
 Ille etiam seras in uersum distulit ulmos
 eduramque pirum et spinos iam pruna ferentis
 iamque ministrantem platanum potantibus umbras.*

145

Com efeito eu me lembro, sob as torres da cidadela Ebália,/ onde o negro Galeo banha louros campos,/ de ter visto um Velho corcício, dono de poucas/ jeiras de campo abandonado, seara nem fértil para os novilhos,/ nem apropriada para o rebanho, nem cômoda para Baco./ Ali, contudo, legume espaçado entre os arbustos; de cercadura,/ alvos lírios, verbenas e a papoula comestível:/ pelo espírito, igualava as riquezas dos reis e, tarde da noite,/ tornando à casa, enchia as mesas de refeições não-compradas./ Antes, na primavera a rosa; no outono, colhia frutos,/ mas, fazendo ainda o triste inverno estalarem as pedras/ com o frio e cessarem os cursos d'água com o gelo,/ ele já tosva a coma do jacinto ondulante,/ repreendendo o verão tardio e os Zéfiro em atraso./ Então, abundava antes em abelhas fecundas/ e no enxame numeroso, extraía espumantes méis/ pressionando os favos; tinha tílias e pinheiro riquíssimos;/ e quanta árvore fértil se cobrira de frutos na florada/ nova, tanto de frutos maduros tinha no outono./ Ele ainda transplantou para as fileiras olmeiros adultos,/ a pereira bem rija, espinheiros já a darem ameixas/ e o plátano ofertando, já, sombras para quem bebia.²⁷

Diversamente do tom realista cabível ao trecho varroniano tomado para parâmetro comparativo, note-se como não se têm, em Virgílio, elementos tão introdutórios, no texto, de algo de imediato identificável com uma “concreta” experiência do narrador. Ali, de fato, ocorria de a personagem de Mérula relatar uma anedota atinente, talvez, à experiência histórica de Varrão com os irmãos-recrutados nomeados, enquanto, nas *Geórgicas*, a fictícia e caleidoscópica *persona* do *magister* didático limita-se a evocar, de forma vaga, umas “memórias” (*memini*, v. 125) a que não parece prudente atribuir tanto crédito...

Além disso, o que nos interessa de maneira fundamental, tal importante digressão do livro IV das *Geórgicas* – de todo dedicado ao tópico técnico da apicultura – assume, como é comum nas mesmas circunstâncias desse poema didático de Virgílio, significados capazes de ultrapassar o meramente utilitário²⁸ ou o contextualmente restrito. Explica-se: segundo dissemos

²⁷. Cf. *Geórgicas* IV 125-146 (minha tradução).

²⁸. Cf. Dalzell, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, 106: *What Wilkinson means when he says that the “Georgics” masquerades as a didactic poem is that the didactic purpose is not the main purpose, or, if it is, the message is not quite what it appears to be. It used to be suggested that the poem had an immediate practical application - that it was written to instruct the returning veterans whom Octavian had settled on the land. But this is no poem for the horny-handed sons of toil. Even more than the “De rerum natura”, it was clearly designed to appeal to a sophisticated*

ao tratar da pequena passagem anterior das *Geórgicas*, nota-se nesse texto complexamente urdido distinta tendência a utilizar-se do suporte da vida e das práticas rústicas, mesmo as banais, para a derivação de sentidos mais amplos.²⁹ Assim, dada a configuração compositiva e o funcionamento geral de um livro como o terceiro, parece-nos óbvio que a ênfase fora posta, ali, em fazê-lo operar, sob colorações predominantemente negativas, na grande estrutura de *chiaroscuro* que norteia o equilíbrio clássico do poema.³⁰ Por sinal, um ponto seu como o forte relevo temático na criação de cavalos – animais, de fato, menos frequentes na rotina agrária da Itália antiga! –³¹ sinaliza-nos, com outros indícios possíveis, o desvio das “intenções” do poeta do (in)formativo/prático para o artístico e, até, o vastamente simbólico.³²

Poder-se-ia, então, da mesma forma, apontar na digressão do Velho corício toda uma gama de direcionamentos de sentido decerto apartados da cru ideia varroniana de contar uma anedota sobre a implantação de um horto (ou apiário) bem sucedido com fins, talvez, de levar outros a também se dedicarem a idêntica atividade econômica. Patenteia-se, a propósito, como a riqueza do Velho em nada se identifica com a entrada de muitos sestércios em sua casa: os bens de que dispõe, retirados com as próprias mãos de uma pequena e indesejada (*relict... agris* v. 127-128) terra nos confins da Itália

literary taste. The poem bristles with allusions to other writers. In a short passage of twenty-six lines devoted to the zones of the earth (1.231-56), there are echoes of no less than seven authors, both Greek and Latin. Such a work can never have had much value for the ordinary countryman.

²⁹ Cf. Trevizam, M. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*. Tese inédita submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor, Campinas: IEL-UNICAMP, 2006, p. 182: *Em relação às obras de seus predecessores temáticos na literatura agrária latina, caso de Catão Censor e Varrão de Reate, pode-se dizer que o Virgílio das “Geórgicas” expandiu as reverberações de sentido associáveis a esse conteúdo através de substancial enriquecimento em vários aspectos constitutivos do poema. De fato, apesar da já mencionada presença de elementos vinculados a influxos ideológicos e à busca de alguma elaboração do texto (no caso de Varrão) no “De agri cultura” e no “De re rustica”, as “Geórgicas” representam o alcance de um grau de complexidade e ampliação de possibilidades expressivas que ultrapassa largamente o mero intento de informar, submetendo ao plano técnico fatores indicativos de sua assimilação pela cultura ou pelas interpretações dos autores. Em outras palavras, parece-nos que Virgílio, a despeito da manutenção superficial da face de instrução técnica que caracterizava por excelência as obras de Catão e Varrão, deslocou a linha de força da constituição dos sentidos em seu poema para planos identificados com o de questões de maior alcance, social ou filosoficamente pertinentes.*

³⁰ Cf. Wilkinson, *op. cit.*, p. 72.

³¹ Cf. White, K. D. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970, p. 298: *Italy was short of the high quality pasture required for the breeding of racing ponies, and it is not surprising that we hear of Imperial stud farms in Spain and in Cappadocia; the products of some of these establishments continued to receive fodder from the Imperial granaries when pensioned off and put out to grass.*

³² Cf. *supra* nota 28.

meridional (“cidadela Ebália” = Tarento), são apenas o “legume” (v. 130), a “rosa” e os “frutos” (v. 134), o “jacinto” (v. 137), os “méis” e o “enxame numeroso” (v. 139-141)...

Ele também, por aparentemente viver só, não precisava preocupar-se com o julgamento alheio ou a visão das glórias ou misérias de outrem, móvel comum de desencadear-se o desassossego. Outra importante passagem digressiva das *Geórgicas* (trecho das *Laudes ruris* – II 490-540), afim à contraposição entre a “bem-aventurança” rústica e a “infelicidade” cidadina, propicia sustentar tal linha interpretativa da “alegria simples” pela remissão a ponto distinto do mesmo poema: esse excursão, fundamentalmente, constrói-se como contraste com certa imagem da vida urbana de imediato justaposta, no mesmo livro II. Assim, enquanto os ardilosos citadinos são, por exemplo, seduzidos pelas “magistraturas”, pela “púrpura dos reis” (v. 495) e pelos “dacos a descer do Istro conjurado” (v. 497), “inquieta os mares com remos” (v. 503), “lançam-se a ferros” (v. 503-504), “atacam uma cidade com extermínios” (v. 505), ambicionam beber em “gema” preciosa (v. 506) e dormir sobre “púrpura fenícia” ou “ouro”, por medo, “enterrado” (v. 506-507), bem distinta é a vida honesta do *agricola* itálico.

Sem vãs ambições e a recorrência à brutalidade da guerra e das manobras políticas, tantas vezes, injustificáveis, ele “revolve a terra com o curvo arado” (v. 513); tem os “doces filhos” a pender “em torno dos beijos” (v. 523); vê a “casa casta” manter o “pudor” (v. 524), caírem os “úberes leitosos da vaca” (v. 524-525), disputarem na “relva viçosa” os bodes com “chifres hostis” (v. 525-526); e festeja com os companheiros em meio a invocações a Baco (v. 527-529), entrega-se amistoso ao desporto com competições de lançamento de dardos ou, nu, de luta greco-romana (v. 529-531)...

Mais ao final da passagem do livro IV (v. 144-146), pela menção à sua grande habilidade de transplantar as árvores, mesmo em época imprópria (já maduras! – *seras in uersum distulit ulmos*, v. 144), para o jardim, entrevemos poder-se interpretar o Velho corício como um típico *industriosus agricola* da Idade férrea, segundo preconizado em seus gestos quotidianos já numa passagem do livro primeiro da obra (I 118-154). Trata-se do excursão dos reinos de Saturno e de Júpiter, em que se demonstra poeticamente, com a passagem da soberania de um para outro deus, a necessidade mítica de trabalharmos a fim de obtermos o sustento a duras penas: enquanto sob o primeiro vigoravam, em tempos áureos, a espontânea generosidade da natureza e a ausência de preocupações diárias para os mortais, sob o segundo, tendo de propósito cessado tais benesses, pairam-lhes sobre as cabeças os agulhões da necessidade e da demanda incessante de esforços. Mas, pela letra das *Geórgicas*, não se deve entender a deliberada introdução da Idade férrea (e do trabalho humano) no mundo com os sentidos de um castigo divino a nossa espécie, pois, antes, tratar-se-ia de um modo de favorecer-nos com energia a inventividade e a

autossuficiência diante de um meio tornado, em tudo, hostil.³³

Propusemos há pouco a assimilação do ativo e, “agronomicamente” falando, ousado Velho corício ao homem virgiliano “em desamparo” do reinado de Júpter – aquele sob o qual, na verdade, viviam todos os *agricolae* itálicos cujo empenho é louvado nas *Geórgicas* – porque, percebe-se, também ele, dotado apenas de uma terra exígua e avara (v. 127-129), lograra não só transformá-la num belo e frutífero lugar, como, ainda, viera a realizar ali a pequena maravilha do transplante “inusitado”, mas bem sucedido, de árvores adultas. Dessa maneira, em sua obstinada persistência para vencer as adversidades da vida, ele, se tangencia, quase, alguma ultrapassagem de limites – algo, de certo modo, também tematizado no excurso virgiliano do livro primeiro a que nos referimos aqui, por exemplo, com mencionar-se a origem da navegação em v. 136 –,³⁴ não deixa de assegurar para si o afastamento da feia indigência.

Por esses motivos, apesar, como ressaltou Wilkinson,³⁵ da provável inspiração virgiliana na supracitada passagem dos irmãos Veiânios de Varrão, pois que sempre se trata de descrever, em livros em alguma medida votados a abordar o assunto da apicultura, um espaço apenas feito fértil pela hábil ação dos donos [inclusive vindo ele(s) a assumir os agradáveis contornos de um jardim florido], mais uma vez se notam adaptações concernentes aos aspectos funcionais de cada obra. Então, em contraste com um Varrão, sobretudo, ocupado com apresentar um exemplo “real” do peso de saberes como aqueles que veicula numa obra técnica com os específicos traços do *De re rustica*, o Virgílio “geórgico” do excurso do Velho corício parece-nos, antes, aproveitar-se da imagem do “cultivo do próprio jardim”³⁶ com implicações de indicar um possível caminho de felicidade humana: apartado da excessiva cobiça, pautado pela busca do sossego no retiro das vaidades comuns, imbuído do gosto de satisfazer-se do necessário com autossuficiência, capaz de reinventar-se na cata a desafios...

Seja ao apropriar-se do tema varroniano vinculado ao sexo, assim, seja ao fazê-lo no tocante a um horto diligentemente cultivado, Virgílio ultrapassa a

³³ Cf. Trevizam, *op. cit.*, p. 182-183.

³⁴ Sobre a invenção de técnicas práticas como “sacrilégio”/ fim da existência humana “edênica” no mundo, cf. também elegia I 10 de Álbio Tibulo: *Quis fuit, horrendos primus qui protulit enses?/ Quam ferus et uere ferreus ille fuit!* – “Quem foi o primeiro que forjou a horrenda espada?/ Quão feroz e realmente de ferro foi aquele homem!” – [tradução de Homero Osvaldo Machado Nogueira, *apud* Novak, M. G.; Neri, M. L. (org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 121].

³⁵ Cf. Wilkinson, *op. cit.*, p. 102-104.

³⁶ Não pode deixar-nos de acorrer à memória, sobre um novo e célebre emprego dessa imagem, a fala final de Cândido na obra homônima de Voltaire: *Cela est bien dit, répondit Candide, mais il faut cultiver notre jardin* (Voltaire. *Candide*. Paris: Éditions Mille et une Nuits, 1998, p. 179).

linearidade e a mais estrita praticidade do predecessor. Isso, entretanto, dada a diversa razão de ser dos direcionamentos de sentido em cada obra vista, *De re rustica* ou *Geórgicas*, em nada desmerece a inventividade de Varrão, cujo legado, como intentamos demonstrar com outros, parece-nos mesmo indispensável para compor o rico panorama do poema didático de Virgílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by H. D. Hooper. Cambridge, Mass./ London, England: Harvard University Press, 1999.
- CLAY, J. S. The old man in the garden: "Georgics" 4.116-148. In: FALKNER, M.; de LUCE, J. (org.). *Old age in Greek and Latin literature*. Albany: State University of New York Press, 1989, p. 183-194.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- DELLA CORTE, F. *Varrone. Il terzo gran lume romano*. Genova: Istituto Universitario di Magistero, 1954.
- EURÍPIDES; SÊNECA; RACINE. *Hipólito e Fedra. Três tragédias*. Estudo, tradução e notas de Joaquim Brasil Fontes Jr. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- GRILLI, A. Agricoltura e poesia nelle "Georgiche". *Atene e Roma*. Roma, fasc. I-II, p. 4-19, 1983.
- LEHMANN, A. "Vtilitas et delectatio". Varron théoricien de l'esthétique classique. *Latomus. Revue d'Études Latines. Varron critique littéraire. Regard sur les poètes latins archaïques*. Bruxelles, vol. CCLXII, p. 259-277, 2002.
- MAYER, R. The epic of Lucretius. In: CAIRNS, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. Liverpool: Francis Cairns, 1990. Vol. VI, p. 35-43.
- NOVAK, M. G.; NERI, M. L. (org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PIGEAUD, J. Quelques remarques sur l'épidémie du Norique dans les "Géorgiques" de Virgile (III, 478ss.). In: VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998, p. 157-172.
- SALVATORE, A. "Georgiche" di Virgilio e "De re rustica" di Varrone. In: *Atti del convegno virgiliano sul bimillenario delle "Georgiche" - Napoli: 17-19 dicembre 1975*. Napoli: Istituto Universitario Orientale, 1977, p. 67-111.
- _____. Le api in Virgilio e in Varrone. *Vichiana*. Napoli, fasc. I-II, p. 40-54, 1977.
- TOOHEY, P. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, M. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*. Tese inédita submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.
- de VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.
- VIRGIL. *Georgics. Volume I: books I-II*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988.
- _____. *Georgics. Volume II: books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1988.
- VOLTAIRE. *Candide*. Paris: Éditions Mille et une Nuits, 1998.
- WHITE, K. D. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970.

WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil. A critical survey.* Norman: University of Oklahoma Press, 1997.